



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

NOTAS do TEMPO

PALAVRAS SIMPLES

«A verdadeira Revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham.»
(PAI AMÉRICO)

● Abre-se uma clareira de esperança. A ordem do «melhor dos mundos possíveis» foi abalada — e bem! Com este advérbio quero dizer: intensamente; e signifique também um juízo de valor.

As trovoadas rebentam as nascentes. Os terramotos são muitas vezes a oportunidade de sanção que o camartelo dos homens não ousaria. Claro que umas e outros inevitavelmente destroem; e no fim sempre diremos: — Também nem tanto!... Mas o que foi, foi — e há que aproveitar-lhe as virtudes e compensar, até ao apagamento da memória, os inconvenientes.

Éramos uma Pátria a definir. Somos agora um País em busca de si-mesmo intra-fronteiras estreitas a que ficámos reduzidos. Antes, dogmas impostos não promoveram nem consentiram a definição. Depois, outros dogmas fabricados por homens diversos, mas igualmente limitados, fecharam-lhe a porta irreversivelmente. Ao «melhor dos mundos possíveis» opuseram-se «as melhores soluções possíveis», senão mesmo, para os mais extremos, a única solução. Estultícia a remendar estultícia; ce-

gos guias de cegos — e todos caímos no barranco.

Oitenta e nove mil quilómetros quadrados!... Outros Povos maiores cabem em menos. É certo que cada um tem o seu génio próprio! Se em 1.500 o nosso nos levou além-mar ávidos de largos horizontes, em 2.000 a Terra é conhecida e a nossa pobre tecnologia não nos lançará em Marte. Há que nos aceitarmos todos no barranco e sair dele sem atropelos. Depois, convenceremo-nos de que nem os homens se medem aos palmos, nem as nações aos quilómetros quadrados. A riqueza primeira de um Povo é o homem. É o homem português que tem de achar-se para que o País se encontre e a Pátria se defina. Com humildade, sem complexos: nem de superioridade fundada num passado efémero que não sabemos segurar; nem de inferioridade, tornada mais consciente pelas ciências estatísticas e pela comunicação social que nos informam da nossa posição caudal no concerto das nações ditas civilizadas.

O homem português tem muitas possibilidades. Em braços não fica atrás de ninguém. Em sentimentos também não.

É a cabeça que lhe tem faltado — cabeça disciplinada que lhe comande os braços e controle os sentimentos e o ensine a conseguir um rendimento maior das energias que tantas vezes dissipa generosamente mas com tão pouco proveito. Esta disciplina dar-lha-á a cultura: uma cultura genérica e actual comum a todos os homens de todas as nações e o aprofundamento dos valores da nossa própria cultura.

Experientes como nenhuns outros da convivência com Povos do Terceiro Mundo, podemos aprender-lhes algo do génio específico e devemos comunicá-lo aos que na vanguarda da Civilização vivem perigosamente mitos de auto-suficiência.

Todo o homem precisa do outro; por isso se lhe deve —

Cont. na QUARTA pág.

Parece que as «férias de legalidade» e as «férias de moralidade», como muito bem disse o Senhor Bispo do Porto, estão chegadas ao fim. Pelo menos assim o desejamos. Estamos todos fartos de palavras e de barulho. Não sendo profissionais da política, no sentido estrito da expressão, vivemos apaixonadamente, no entanto, como homens, e como cristãos, todos os problemas da humanidade, a começar pelo próximo mais próximo. E este é o da nossa Terra. Somos portugueses. Queremos mais Pão, mais Trabalho, mais Justiça e Amor. A Paz que ambicionamos tem um sentido dinâmico, conquistado muitas vezes, à custa de muitos esforços e de não raras desilusões. A verdade e a pureza das intenções exige de nós muitos sacrifícios. O realismo da vida obriga-nos, não sem amarguras e espinhos, a ultrapassar oportunistas calculistas ou utopias desenraizadas da vida. Parto sem dor é artificial na maioria dos casos.

Estão constituídas as Autoridades ou os Órgãos que o País escolheu livremente. A uns e a outros desejamos as maiores venturas. Que saibam e queiram governar é o que mais aspiramos. Não estamos enfeudados a ninguém, nem nos guiam quaisquer interesses materiais. O nosso primeiro e último fim é o Homem, sua felicidade e seu bem-estar. O Reino que queremos anunciar, embora não seja deste Mundo, começa aqui e agora. E tudo o que é verdadeiramente humano é cristão. Somos, livres e queremos uma sociedade livre. Amamos todos os homens, ricos e pobres. Para defendêmos e libertarmos estes, não é preciso escravizar aqueles, como muita gente quer ou segue. A lei dos alcatruzes, não deve imperar entre

Continua na QUARTA página

Aqui, Lisboa!

Ando completamente arrazado e com o coração desfeito por mor dos não que diariamente tenho de dizer a todos os que nos batem à porta na esperança de que a nossa Casa, que é Porta Aberta, não se feche para as crianças que os fazem cá vir. Ando arrazado pela atenção que devo dar a cada pessoa que expõe o «caso» ou «casos» que os fez cá vir, telefonar ou escrever. Todos me merecem o máximo respeito humano e dever de caridade.

Sabendo de antemão da única resposta que posso dar, sei também que as pessoas não aceitam com facilidade esta resposta porque puseram toda a sua esperança em que aqui a porta estaria aberta. São, por vezes, horas de diálogo e luta a travar, pois, normalmente, o intercessor e interlocutor são vários.

A todas as minhas limita-

ções expostas têm sempre uma resposta de não aceitação.

Os argumentos repetem-se em todos os casos: «É uma desgraça a daquela ou daquelas crianças»; «passam fome, roubam, andam por lá de noite»; «estão viciados»; «são uns vadios»; «não obedecem à mãe»; «fogem à escola»; «andam com más companhias»; «o pai ou o padrasto, a mãe ou a madrasta maltratam-os»; «são bêbedos, não podem com eles»; «o pai fugiu com outra mulher e deixou a pobrezinha com 3, 4, 5 e mais filhos e não tem trabalho, ou tem de o deixar para olhar pelas crianças, ou tem de ir pedir ou roubar ou vender-se para os sustentar».

Se é ele: «Como é que o desgraçado — quando é ela que vai com outro — pode olhar

Cont. na QUARTA pág.

P.e Telmo

MALANJE

● A verdadeira liberdade não se consegue pela violência, ódios rancios ou vinganças.

A violência traz sempre um jugo; os ódios, a morte; e a vingança é fonte doutros ódios.

A verdadeira liberdade nasce no coração de cada um. As democracias não a distribuem a retalho. Não podem.

Cada um a deve construir dentro de si. Os Estados darão condições para que o homem se possa realizar.

Rosas de todas as cores e flores diversas nos jardins do Homem.

O próprio Deus nos permite que Lhe atiremos pedras ou pétalas.

● Em nossa Casa de Malanje, os mesmos poentes bonitos! Nascem os vitelinhos e cresce a mandioca. Alguns Rapazes se fizeram homens e outros vieram há pouco.

Os jardins que tu viste tão bonitos (coitadinhos!) todos os dias me perguntam pelo Fernando. Os campos de cultivo chamam o Octávio. Choveu tanto este ano que a lagoa corre por cima. Está tudo muito cheio de capim, mas vamos limpar.

É pena que não possas vir com o teu farnel.

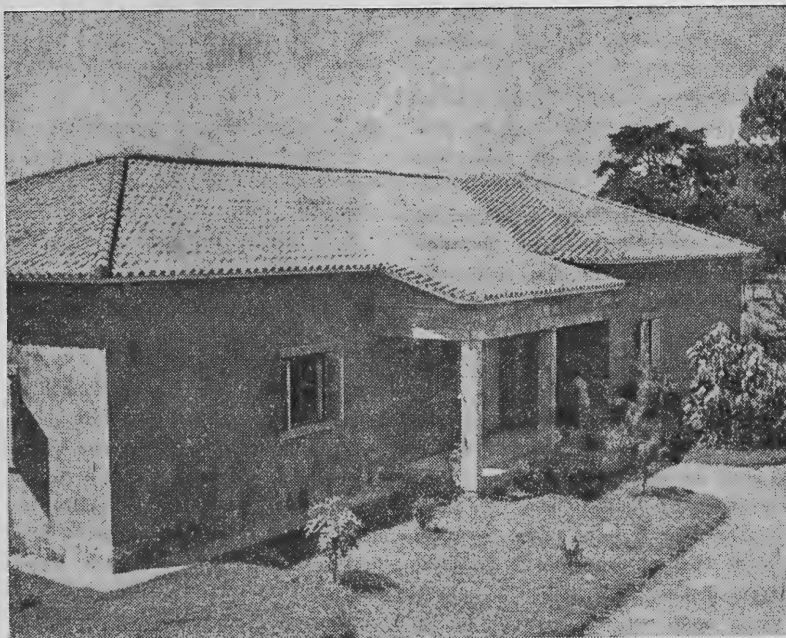
● Aos nossos Amigos de Luanda:

Deixaste algum barco abandonado? Gostávamos tanto de ter dois barquinhos na lagoa.

E uma casinha em Luanda?! Para que os nossos mais pequenos pudessem ter praia... e para alguns Rapazes que lá trabalham. Estou a pedir muito?

Ficarás mais rico.

Padre Telmo



Em nossa Casa de Malanje, os mesmos poentes bonitos!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

PRAIA — Na quinta-feira passada chegou da praia o turno dos mais pequeninos da Casa. Estiveram lá um mês com a sr.^a D. Maria Angélica, responsável do grupo.

Ao longo destes tempos de férias surgem sempre problemas que nós, às vezes, nem contamos com eles; pois este ano o nosso poço secou pela primeira vez. Foi uma surpresa muito grande! Os Rapazes tinham que ir buscar água fora para o almoço ou jantar. De resto, quanto à louça, vão lavá-la ao rio, único sítio possível. Agora os nossos trolhas afundaram mais o poço. Lá deram uns tiros, mas parece que ainda continua com pouca água, por via da seca que atravessamos.

Também houve Rapazes que fizeram a sua primeira Comunhão no dia de aniversário de Pai Américo. Suponho que, por isso, este dia foi alegre para todos, em Azurara.

CHEFES — A minha responsabilidade, durante estes três meses, tem sido custosa por não haver uma compreensão da malta quanto ao meu posto, difícil de executar. Eu peço a todos uma ajuda maior!

Com a ausência dos miúdos, já me senti mais aliviado. Era menos malta...

JARDINS — O Fernando Dias tem andado a arranjar os jardins da casa um e as sebes da Aldeia. Agora estão bonitas principalmente no recanto da piscina, um dos pontos mais visitados da Aldeia, nesta época.

ESCOLAS — As matrículas já começaram. Vão ainda mais estudantes para o Lar do Porto. Além daqueles que já lá estavam, vão mais os seguintes: Alberto, «Tiroliro», «As-

pirina» e «Pipas». Oito irão para a Escola Técnica de Penafiel (escola nocturna), caso apareçam mais de zassete candidatos para prefazer o total exigido para que o curso funcione... Para além deste, surge outro problema: o transporte de ida e volta, todas as noites... Vamos ver como será!

VISITANTES — Esteve cá relativamente há pouco tempo o Daniel, um dos nossos Rapazes que se encontra a viver no Rio de Janeiro. Veio passar as suas férias e trouxe-nos uma bola de futebol para o Grupo Desportivo.

DESPORTE — No passado dia 18 tivemos um convite para ir a Gondomar jogar futebol. Saímos cedo. Daqui levámos o tacho e almoçámos por lá. E convivemos um pouco com alguns Rapazes antes do encontro. Perdemos o jogo por três a zero. Isto acontece. Ganhar ou perder — como diz o Zé Povo — é desporto.

16 DE JULHO — Neste dia fizemos o horário de domingo. Levantámos-nos às oito e vinte e tivemos a Missa às 9 horas, tendo sido baptizado o filho do «Melo».

Depois da Missa, a malta foi tomar o pequeno-almoço.

Cerca das dez horas a Comunidade seguiu para a nossa mata de Calves, ficando os da copa para arranjar a louça necessária que foi transportada na carrinha. Foi um almoço de confraternização de todos os Rapazes e dos Casados que também o saborearam.

No fim, houve um diálogo entre os Rapazes e os Casados. E, às cinco horas, banho na piscina.

Jorge Alvor («Eusébio»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

ALCOOLISMO — O recoveiro dos Pobres quase não tem tempos livres! Sendo preciso, deixa a sopa a meio para tratar dos Outros. A melhor refeição!

Ela vem prostrada. Repleta de equimoses. Chora, enquanto fala da sua cruz, pedindo a nossa intervenção.

— Olhe pra isto...! Tenho o corpo todo pisado. Ele, com o vinho, ninguém o atura. Mandou-me pela porta fora! Tem de lá ir...

Foi logo um cireneu. Estas acções têm de ser prontas. E o vicentino perdeu mais de uma hora com oportuna argumentação, com linguagem de paz.

— Um copinho não me faz mal. Mas q'ando bebo mais...

A mãe volta a aconchegar os filhos. — as maiores vítimas. Entra na posse da sua casa e dos seus.

Insistimos pela ausência de vinho naquele lar. E procurámos convencer o doente para novo tratamento de desalcoolização...

Esta zona, em relação a outras de néctar mais espirituoso, talvez não tenha grande percentagem de alcoólicos. Mas aparecem, infelizmente.

Temos muito interesse na solução deste problema, pelos grandes prejuízos que causa ao País, e que não é fácil quantificar em toda a sua extensão.

PARTILHA — A Assinante 14035 manda 100\$00 «para a Conferência como lembrança amiga de quem nunca foi rica nem ambicionou sê-lo». E termina com «afectuosas lembranças para todos e sincero desejo de muita Paz». É assim que ela se constrói!

O dobro da Palhaça. Mais um remanescente de Paço de Arcos. Mais 500\$00 «com um abraço amigo, para as vossas ajudas aos nossos Irmãos desprotegidos. Sempre que possa o farei com amor». É a Assinante 27385, de Lisboa. Ainda Lisboa, «Vella amiga» com 50\$00. Campo, Valongo, 50\$00, «apuro total de um primeiro negócio que fiz e espero em Deus me ajude a bem conduzir o negócio que se segue». O dobro da rua capitão Henrique Galvão, de Lisboa. Mais um remanescente de contas com «O GAIATO», pela mão da Assinante 9850. Idem, Assinante 28752, 200\$00. Mais 500\$00 de Maria X. Mais 20\$00 de um Amigo de D. António Barroso — um dos mais notáveis Prelados da Igreja, em Portugal. Finalmente, a suculenta presença de um Vicentino de Lisboa, no Dia do Preciosíssimo Sangue de Jesus:

«Após doença prolongada, em duas recaídas de alguma gravidade, aqui estou para agradecer ao Senhor Jesus duas graças: estar quase restabelecido e ter-me protegido contra um perigo iminente que muito me perturbou.

Creio que a melhor forma de manifestarmos a Deus a nossa gratidão pelas graças recebidas da Sua Munificência consiste, em primeiro lugar, em amá-lo de todo o coração; em segundo lugar lembrar-nos daqueles pequeninos que amou de tal modo que considerou como feito a Ele o que a eles se fizesse.

Com este pensamento nada melhor poderia fazer para manifestar o meu agradecimento a Deus do que ir ao encontro das necessidades dos Irmãos pobres na pequena medida em que me é, por enquanto, possível.»

Júlio Mendes

SOU O QUIM DE MALANJE

● Lembrais-vos, com certeza, de mim quando de Malanje vos dava a oportunidade de lerdes as minhas crónicas!...

Hoje não é de Malanje. Vim de lá em fins de Outubro mas com grande desgosto de deixar a nossa Casa na altura em que mais precisava de mim. Vim para continuar a trabalhar na Obra da Rua; aconselhado pelo Pe. Telmo para um Seminário, ver se é este o meu caminho — caminho difícil que começo a trilhar — pois ser exemplo de Cristo nos dias que correm, pondo em prática o Seu Evangelho, é tarefa árdua. É para O servir na Obra da Rua que eu vim.

Quando teremos nós — sociedade — resolvido o problema dos órfãos, velhos, viúvas e... filhos de ninguém?

Há ruas no Porto que mostram o cenário já pintado há trinta anos, por Pai Américo. Vi um neste Inverno que tinha por cobertor um saco de cimento onde tinha metidos os pés — estava ao lado de uma fogueira — as pessoas passavam... e não o viam!? E ele dormia indiferente...

Vejo mais; ide ao largo da Sé e vede; vivem lá alguns da «grojeta»... Eles vivem mas não têm quem os eduque. Os culpados não são eles. São filhos da rua Escura!...

As nossas Casas estão cheias. Nem todos os casos são de Casa do Gaiato. Há lá meninas que vão seguir a vida das mães... A coisa já vem de trás...

Este é um problema importante que afecta todo o nosso País.

Estes casos animaram-me a seguir o sacerdócio. Haja mais gente, queremos mais obreiros na construção de uma humanidade justa. Temos que ser todos... Temos falta de Senhoras que queiram ser mães em nossas Casas...

Voltando à minha decisão: fiz o 5.º ano Propedêutico com êxito, apesar das dificuldades que tenho tido por ter feito o 7.º ano para seguir um curso de Ciências... Hei-de ser capaz. «Querer é poder.»

Quando cheguei dei uma vista de olhos pelas nossas Casas de cá. Parei em Paço de Sousa nas férias do Natal. Nas da Páscoa, oito dias no Calvário. Para estas que se seguem estão programados 15 dias na Azurara com o 2.º turno e um mês no Calvário. Estou com interesse no Calvário para fazer uma experiência diferente.

● Há já muito tempo que nas colunas do «Famoso» não vejo umas letrinhas de Malanje! Sei que há gente ansiosa por saber notícias da nossa malta. Tenho recebido de lá umas cartas e vou dizer-vos alguma coisa.

A lavoura tem sido a preocupação fundamental e o principal modo de subsistência da nossa malta. Em todas as cartas vejo escrito o que cultivam e o que colhem.

Houve azar com o feijão. «Não se colheu nem uma vagem» devido às muitas chuvas que têm caído. Mas a chuva que estragou o feijão faz com que «a mandioca, batata doce, girassol e hortaliças cresçam a olhos vistos» e «temos o orgulho de que fomos nós quem trabalhámos» — disse-me a malta.

Vejo que o «slogan» «quem não trabalha não come», já antigo nas Casas do Gaiato, está espalhado por toda a nação angolana.

«Temos uma máquina de descascar o milho e outra para fazer farinha para a boroa e farelo para os animais. A boroa é feita em casa.»

A malta da Casa, até ao 2.º ano, tem tido aulas; para a frente não tenho notícias. Sei que os alunos do Ciclo Preparatório malanjino, nas férias, vão ao Uige e a N'dalatando colher o café.

Também já de lá recebi notícia que o M.P.L.A. tem aceitado muito bem a nossa Casa; foram ajudar na lavoura e farão muito mais!... Até ver parece que temos mais sorte que em Moçambique.

Joaquim Carlos Fernandes

VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

Careis Leitores, torno a estar convosco para vos roubar um tempinho, falando da venda de «O GAIATO».

Na quinzena passada passámos mais cerca de 200 jornais, apesar de terem saído cinco vendedores por já serem crescidotes: o «Escaleira», o João, o Morgado, o Ganhão e o «China».

O «Escaleira» vendia nos bairros de Miragaia e na Praça da Liberdade.

O João, no Carmo, no Mercado do Bom Sucesso, nas Obras Públicas e na Companhia das Águas e nos seus fregueses espalhados pelo Porto.

O Morgado, em Gaia.

O Ganhão, na cidade de Espinho juntamente com o «Riera».

O «China», na Praça do Marquês e no Hospital de S. João.

Agora o horário da venda mudou: Partimos daqui no sábado, depois do almoço, directos ao Porto e só regressamos na segunda-feira à noite, porque ao sábado se faz semana inglesa.

Dois vendedores, irmãos, o Henrique e o Emílio, não apareceram no nosso Lar, segunda-feira à noite, onde nos reunimos para regressarmos a Paço de Sousa. Vendiam os dois em Rebordões, Areosa e Rio Tinto. Até agora ainda não tivemos notícias deles! Eram dois Rapazes sempre certos, mas é possível que estejam em casa da irmã...

Por hoje é tudo. Um abraço do

Maurício da Conceição («Tiroliro»)

Lar de Coimbra

Mais uma meta escolar foi alcançada; já não era sem tempo!

A maior parte da malta estava ansiosa que o ano liceal acabasse. Pensando que não, a vida do estudante chega a ser monótona. Todos os dias a ver a mesma coisa, todos os dias a passar pelos mesmos caminhos, sempre a mesma paisagem, embora se vá modificando aqui e ali com a construção de novas moradias.

O ruído produzido pelas inúmeras viaturas que circulam nas estradas desta cidade e o ar pesado e poluído, também contribuíram para que nós desejássemos o final das aulas. Acima de tudo sentíamos saudades da nossa Casa de Miranda do Corvo e das quintas que a rodeiam.

No Lar, como sempre, esteve a Senhora Maria da Luz para nos ajudar. No princípio do ano foi vítima duma doença, que a obrigou a recolher ao Hospital, pelo que nos encontrámos sem a Senhora durante algum tempo. As coisas foram-se remediando, até que regressou; e nós recebemo-la com alegria.

Na cozinha, o João António é que nos preparava as refeições.

Este e todos nós tivemos muita sorte, pois da Escola Brotero deram-



O Casamento do João Bandarra e da Maria Madalena



Do que nós necessitamos

Em memória de Carlos Tomás Cardoso, 1.000\$ da Refinação de S. Marcos, L.da. Avós de Sintra, presentes com 150\$ por duas vezes. Mais excursões escolares com 3.182\$, 955\$ e 383\$50. Anónima de Fátima com 500\$. A visita anual do Grupo Motorizado «Boa Nova» — Mazarefes, com 1.000\$. De Algés, 500\$. Roupas do Francisquinho de Seia, entregues no Lar do Porto. Antonieta com 500\$. Por alma de José Moreira, 200\$. Abílio com 500\$, por intenção de seus familiares já falecidos. Anónima com 1.000\$. De Clara e José Flores, 70\$. Maria Angelina, com 100\$. «Um casal dos Carvalhos» envia 500\$ para a bolsa de estudo de um Gaiato.

Ternura, simpatia, guloseimas e dinheiro, deixaram-nos as Crianças pequeninas do Externato Jardim Flóri. Pedindo uma Avé-Maria, 200\$. Ass. 11041, com 1.000\$. De Ovar,

500\$ de Maria Adelaide, chegado pela mão da nossa muito amiga D. Rosa. «O reconhecimento que a minha gratidão não esquece», 100\$. Roupas bem tratadas, calçado novo e 200\$ e muita simpatia, de visitantes de Murtosa. Dois mil de Espinho. Vinte em selos. Zé Ninguém com 200\$, por alma de Alberto Sousa Machado. Anónima da Barragem do Carrapatelo, com 4.020\$. Os 100\$ silenciosos da Calçada da Estrela. Cheque de 500\$, de Lisboa. De quem pede a protecção do Divino Espírito Santo, para o Senhor Presidente da República, 500\$. Uma viola toda catita de Fiães. Ilda com 100\$. Cheque de 20 contos, da Av. Brasil.

Cem escudos da Avó de Moscavide. Mil de Oeiras. Ass. 8086 com 1.500\$. Ass. de Johannesburg com um cheque que depois de cambiado deu 1.193\$50. Da rua da Natária

200\$. Duma senhora que não pôde assistir à nossa Festa no Coliseu do Porto, 100\$ entregues nesta casa de espectáculos. Quarenta da rua da Junqueira. Migalhas duma excursão escolar, 89\$. Mais do Colégio de Nossa Senhora da Bonança, 925\$, guloseimas, roupas várias e muito carinho.

De Santiago de Litem, 100\$ de quem aparece de vez em quando. Excursão escolar de Vilarinho de Santo Tirso, 50\$. Dinis com 100\$. Do Chefe do Mercado do Bolhão, no Porto, cheque de 7 contos. Mais outra escola de Braga, com 444\$10. Lisboa-2, com 100\$. Maria de Lisboa com 40\$. De Funcionários dos C.T.F. dos Restauradores, 673\$. Anónima de Leiria com 500\$. Da Amadora, os 100\$ mensais, em selos de correio. Velha Ass. de Monte Estoril, com a presença de todos os meses. Da Av. Manuel da Maia, 500\$. Senhora muito

amiga da R. Sidónio Pais, com 100+100\$. A presença longínqua, mas nem por isso menos carinhosa dos nossos amigos da Missão Católica Portuguesa de Stuttgart. Têm chegado vários doativos. Os dois últimos renderam 2.063\$70 e 3.521\$20, depois de cambiados. Bem hajam.

«Obra de Deus, para os Pobres», com duas presenças de 50\$. Da rua Serpa Pinto, 50\$. Do casal Ass. 16264, 330\$. Por alma de António de Sousa Raimundo, 100\$. Cheque de 5 contos de Lisboa. De um Grupo de alunos da Escola Preparatória Ramalho Ortigão, 500\$. De Mesão Frio, por alma de Laura de Almeida, 100\$. «Oferta à malta, pela passagem de ano de meu filho», 500\$. Outro tanto da Caridade, de Lisboa. Maria da Saúde com 50\$. Do Padrinho do nosso «Eusébio», 500\$. De S. Pedro de Fins, 50\$. Roupas da Mãe Alentejana.

-nos quase todos os dias o comersinho já feito, que saboreámos com gosto.

Este ano os mais responsáveis foram o «Lita», que anda na Universidade e está prestes a terminar com êxito o 1.º ano de Electrónica, e o José Domingos que completou o Curso do Magistério Primário.

O Véstias, que é um trabalhador estudante, empregado no Sindicato dos Bancários de Coimbra, estuda de noite na Escola de Jaime Cortesão. Dispensou do 5.º ano.

Eu e o Nicolau estávamos no 3.º ano liceal. Dispensei. E o Nicolau fez exame dispensando da oral.

O Francisquito fez o 2.º ano liceal. O João Manuel e o Calmeiro passaram ao 2.º ano liceal; o «Coradinho», o Macedo e o «Banana» dispensaram do exame do 2.º ano do Ciclo Preparatório, transpondo assim esta barreira. O «Goêdo», o Guido e o Chiquito Zé fizeram o 1.º ano também do Ciclo.

Os nossos Leitores já repararam que até aqui o aproveitamento dos Rapazes foi 100%. Mas, assim como na árvore frutífera ou florescente há ramos e folhas secas, a nós o mesmo sucedeu: o João António que durante o dia fazia o trabalho na cozinha, à noite tinha aulas na Escola Jaime Cortesão. Fez algumas cadeiras do 3.º ano e *chumbou* a Cálculo.

O «Gordinho», o Campos e o «Fininho», que andavam no 1.º ano do Ciclo Preparatório, não fizeram o necessário para transitar ao ano imediato.

Amigos, foram estes os resultados finais de um ano escolar da nossa malta que esteve a ocupar e a dar vida ao nosso Lar de Coimbra.

Benjamim

NOITE DE VIGÍLIA EM FÁTIMA

Uma semana antes, Dr. Armindo telefona e convida o grupo de Gaiatos, que andou a proporcionar Festas alegres distribuindo por Portugal fora sua alegria e amor, a que venham junto da Mãe do Céu e amem com Ela um pouco aqueles que, por amor, em longas caminhadas, com grandes

sacrifícios, pés rebentados e muito cansados, d'Ela se acercam.

O sr. Pe. Horácio, justificando e tentando não tocar na *organização desorganizada*, em vão procura recusar. No Santuário não são aceites recusas. Nós não nos escusamos. Exigem que vamos. Pois está bem!

Durante cinco dias preparamos cânticos. Meditámos e escreveram-se pensamentos, testemunhos vivos que nossos Rapazes iriam comunicar. Via Sacra e Celebração Mariana foram preparadas com grande esmero. Nesta prévia preparação tivemos como ambiente a nossa Casa na Praia de Mira e como música de fundo o barulho do mar.

Não procurámos nada de grande e complicado. Para quê se somos tão pequeninos? A simplicidade foi o nosso lema.

Chegámos nesse dia, ou antes do noite; era meia noite. Haviam já deitados alguns peregrinos junto do Santuário; outros, junto à colunata norte ouviam e participavam nas cerimónias. Cânticos a Nossa Senhora, um pouco lentos. Hora avançada. Quem está faz sacrifício; mas faz mesmo. Estivemos por lá. Fomos peregrinos. Eram duas e tal tomámos uma chávena de leite e comemos pão.

Três horas. Finalmente a nossa hora. O carrilhão canta a Avé-Maria. Ao fundo da escadaria concentramos os peregrinos e começamos. Via-sacra! Caminho sagrado!

Ouvira alguém dizer antes: «Se for uma representação não gostos».

Representação, não! Recordamos e, se possível, revivemos algo que não foi teatral mas trágico e dolorosamente verdadeiro. Vivemos; e aque-

les milhares de peregrinos viveram connosco e sentiram! Seus pés chagados, andando no recinto, não são para menos.

Quatro horas. Finda a Via-sacra, começa a Celebração Mariana. Rezamos o Terço meditando os mistérios em que Nossa Senhora foi e soube ser Mãe. Meditamos os mistérios em que todas as mães são mães e todos os filhos são fruto das mães e pais. Meditamos os nossos próprios mistérios!

Os Rapazes dão seus testemunhos. São eles! Vivos! Reais! Autênticos! São a nossa vida! É Cristo nesta vida do século vinte. É Cristo que nasce hoje..., pobre!...

Cinco horas. Padre Luiz, Padre José Maria e Padre Horácio concelebram. Já não há peregrinos deitados. Esquecem o cansaço e juntam-se a nós. Cristo não está morto! Cristo ressuscitou e nós cantamos-lhe nossa alegria. As violas, o órgão, e a bateria ajudam a louvar o Senhor. Os cânticos são vida! E a vida é alegria, amor e paz!

— «Que Missa linda, meus filhos!» — é uma peregrina que fala. «Quem vos ensina coisas tão belas?»

Estamos num grupo; Cristo está connosco!

Seis horas e alguns minutos. Começa a procissão do Santíssimo através do recinto. Nossos cânticos de glória continuam e ressoam pela madrugada, em Fátima. E o sol nasce! Sete horas. Findámos..., cansados! Cansados e felizes. Colhemos sorrisos. Colhemos amor.

Eram oito e tal. Saímos. Cada um traz uma lembrança; algo material comprado nas lojas de Fátima; algo que fará lembrar que fomos peregrinos do amor na madrugada de 13 de Julho de 1976.

Pelo caminho, conquistámos ainda mais uma graça. Alguém, não satisfeito pelo ambiente e acções humanas actuais, vinha expulsar-nos de seu terreno que havíamos tomado por emprestado para almoçarmos. Foi conquistado e no fim era grande amigo. Quem tem a alma grande não a pode esconder no corpo pequeno e mequinho pois choca com outras electrificadas de amor.

«Lita»

Uns brincos e azeite de Fânzeres, promessa a Pai Américo.

Do «Movimento de Esperança e Vida», de Aveiro, 2.110\$. De Lisboa, 100\$. De «uma graça recebida, um mês da minha reforma de professora primária», 3.930\$. Mais promessas: 100\$ de S. João do Estoril, 50\$ do Porto, 500\$ das Termas de S. Pedro do Sul e 250\$ de Rio Maior. E a informação de sempre: que tudo entregue no Espelho da Moda ou Lar do Porto, cá nos chega.

E finalizo com algumas linhas duma carta vinda do Porto, que trazia um vale de 300\$: «...já agora só quero acrescentar que esta importância faz parte de dinheiro de dias de greve em que tomei parte e da qual me arrependi».

Graças a Deus pela vossa ajuda.

Manuel Pinto

O primeiro volume do «PÃO DOS POBRES» está na rua!

O primeiro volume do «PÃO DOS POBRES», em 4.ª edição, já está na rua!

Evidentemente, nem todos os Assinantes da Editorial tiveram a felicidade de o receber em Julho; mas ficarão servidos por todo o mês de Agosto, se Deus quiser.

O «PÃO DOS POBRES», como Evangelho na rua, *«não há-de ser livro de lombada, formado na tua estante, com as folhas por abrir; não. Antes vai ser o livro de horas, púdo dos teus dedos, como as contas de rezar. Pois como não, se ele trata da sorte dos Irmãos?! Se picares as suas letras com um bico de alfinete, há-de ver que deitam sangue, tão vivos são os casos que elas narram. A hostia branca, depois, de consagrada, já não é pão de trigo; é o Corpo do Senhor. Todas as palavras do livro são consagradas ao Pobre. Parecem letras de imprensa; são o corpo mai-la vida deles!»*

O que não há dúvida é que, de uma maneira geral, a sua Mensagem e actualidade — após quarenta anos! — permanecem vivas no tempo. Neste aspecto é uma acusação. Terrível!

A propósito: hoje, fomos ao Porto. E, na rua, à hora do almoço, recordámos imagens do «PÃO DOS POBRES». O panorama não se modificou. Fala-se muito e faz-se pouco...!

À soleira da porta, uma mulher franzina sentada de cócoras. As mãos e o lenço negro cobrem-lhe a face. Envergonhada! No canto da soleira, uma velha carteira semi-aberta.

Paramos à distância, com discreção. Meditamos... a banalidade, a indiferença, o contraste. Mundo que nos transporta a outros mundos onde se *cozinham* Marginais.

— Está doente?!

— Sou muito doente, meu senhor...

— É viúva?

Cont. na QUARTA pág.



Eis o grupo que fez a Profissão de Fé, em Paço de Sousa.

NOTAS do TEMPO

Cont. da PRIMEIRA pág.

eis um fundamento racional da Justiça que há-de temperar as relações entre os homens e as nações.

Humildade e ausência de complexos... Se lhes juntarmos uma forte determinação para o trabalho e uma procura apaixonada do bem-comum em que cada qual achará o seu bem — quem duvida do ressurgimento do homem português, do Povo que ele integra?

Com humildade, sem complexos, actuem os homens, participantes das qualidades e defeitos portugueses, que vão governar o Povo português. «Fortiter ac suaviter» — com fortaleza e brandura — harmonia que só o Espírito sabe conseguir. Deus os assistirá por amor dos homens. Se eles se abrirem ao Sopro e seguirem os caminhos que Ele aponta, terão valido trovoadas e terremotos: Uma nova realidade germinará.

● A Justiça é meta difícil: Dar a cada um o seu direito, no pressuposto de que o homem não é um modelo repetido, mas uma imagem parcelar do Ser Perfeito, com traços únicos.

A lei é um sacrifício do Homem à Sociedade, sacrifício indeclinável, é certo, para o próprio bem do Homem — mas sacrifício! A Terra nunca será o Céu.

Nem utopias, pois, de Justiça a pataco; nem braços caídos porque o ponto de tangência está no infinito. Há uma perfeição possível em cada momento, a ultrapassar incessantemente, num progresso que jamais terá fim. Progresso de estruturas e de regras de jogo, sim; mas muito mais da abertura dos homens ao Homem. É no coração humano que ela enraíza. Inteligência e vontade intervirão como o cultivador na cultura. Mas o mistério da fecundidade brota do coração. O Homem irmão dos

homens «porque filhos do mesmo Pai». Se não for por aqui nunca a Justiça coabitará com a Liberdade. Todo o esforço de Justiça acabará por cindir multidões.

Saímos de um tempo inflacionário da palavra Justiça, como se ela fora uma realidade banal, rés ao Homem, quando ela exige, exactamente, que o Homem se sobrepuje para A atingir. Havia injustiças. Há injustiças. Para favorecer uns atropelaram-se outros. Basta pensar na continuidade da «miséria imerecida do mundo rural» que o nosso Bispo denunciou há tantos anos e permanece como era: «miséria imerecida». Basta pensar no aumento de vida consequente às exigências arbitrarias de muitos, em prejuízo escandaloso de outros que, privados de voz, continuaram auferindo o mesmo em condições sempre mais desesperadoras.

Há um ano, inquérito lançado pelo Instituto Nacional de Estatística às despesas familiares, punha em evidência as grandes diferenças entre as zonas rurais e os centros urbanos do País. Os que vinham sendo progressivamente os mais pobres desde há vários anos, viram acentuada a diferença social dos que já não eram então os mais pobres. E outros Pobres, novos Pobres, acrescentaram o grupo, fruto de decisões precipitadas, míopes, ignorantes ou esquecidas das correlações fatais a todo o fenómeno económico.

Esperamos que a sociedade renovada que nos prometem, seja mais sóbria ao falar de Justiça e mais sincera e eficiente no esforço muito árduo de tender para Ela.

● Desde a máquina a vapor, a Técnica inchou o Homem e deixou-o cair na ilusão de senhor absoluto da Natureza. Senhor, sim — para isso ele e ela foram criados: ela para ele a dominar e a fazer multiplicar-se ao serviço da pros-

peridade dos homens. Absoluto, não — nunca um ser limitado e contingente como é o Homem.

A crise mundial da energia veio pôr a nú esta contingência. Fontes de energia mais directamente naturais, por isso mais primitivas, foram abandonadas. Pois são agora rebuscadas: energia das marés, do sol, geotérmica... E até o ven-

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA pág.

pelos filhos e ganhar o pão prós mesmos? Não os pode ter no trabalho», etc., etc. Ou: «O rapaz não tem ninguém, já foi internado duas vezes com fome e depois duns meses cá temos de o tornar a pôr na rua. Ele é seu, tome-o».

Ou aquela viúva ou viúvo que ficou sem possibilidades de ter os filhos, os parentes não podem — e tantas, tantas outras situações idênticas, autênticas, brutais, dolorosas, de desespero.

Ouvir tudo isto a quase toda a hora e ter de dizer não é superior às forças dum coração humano. E eu, por amor dos muitos que já cá estão, tenho de manter o não!

Revoltado com a falta de justiça social e legal, perante a irresponsabilidade da sociedade que somos todos nós — os causadores e mentores e até os provocadores desta monstruosidade social que é a de se continuar a olvidar os princípios, entre os primeiros, dos deveres da sociedade não permitir que uma Criança que nasceu para ser amada e amar, seja desprezada, marginalizada, odiada, esquecida. Criança que nasceu para sorrir e vive para chorar. Sociedade que se diz democrata ou progressista ou até cristã e desconhece ou faz-se desconhecadora dos deveres e obrigações que tem para com elas. Justiça social! Qual quê? Que mentira! Justiça legal que raia pela irresponsabilidade ao negar-se a agir pronta e eficazmente nos deveres que lhe compete e a Lei lhe impõe. Lei que diz que a Criança deve ser defendida de todos os meios de opressão, venham eles donde vierem, mas que faz ouvidos de mercador ou enreda indefinidamente ou, o que é pior, age contra a própria natureza da Lei e a torna desumana. Todos têm a pronta resposta de não terem culpas e de alijarem as responsabilidades para os outros.

Coração desfeito em dor porque não rejeitamos a parte que nos cabe no viver dramático de tantas dezenas de milhares de crianças deste País a quem tudo falta para serem os homens do amanhã. Dor por elas e pelo egoísmo das estruturas desde as familiares às estatais. Dor maior porque não é assim tão difícil dar à Criança aquilo que todos lhe

to, que era a força motriz dos velhos moinhos e das caravelas de antanho, volta a cativar a atenção do Homem. Lemos em Boletim da Embaixada Alemã que se ensaia a construção de grandes veleiros para transportes de carga. Os combustíveis convencionais, em ameaça de extinção, serão reservados às manobras nos portos e a tempos de ausência de vento. De resto, todo o domínio mais avançado da resistência dos materiais e das previsões meteorológicas, permitem agora um rendimento

duplo da impulsão conseguida pelos veleiros dos séculos passados.

Encontro neste acontecimento um sabor de parábola: O orgulho abatido do homo-sapiens, afinal sempre tão ignorante e tão descalço na previsão das sequelas dos seus próprios avanços, pode aproveitar esta pista para uma conversão muito necessária à humildade característica do verdadeiro sábio: Toda a criação tem por sentido o Homem, quando o Homem tem por sentido Deus.

Padre Carlos

devemos, mas preferimos enganar-nos a nós mesmos endossando para os outros o que nosso é. Dor maior ainda, porque tanto se fala da Criança nos tempos d'hoje e, pela nossa verificação e experiências do dia-a-dia, aumentam o número dos desgraçados e infelizes. Dor mais violenta porque os que se deram a repor a justiça a algumas, são incompreendidos, espezinhados e muitas vezes maltratados só porque, sendo minoria mui diminuta, não podem pôr a seus ombros a totalidade da responsabilidade que a todos cabe e, porque ainda quando fazem algo, mal julgados são, porque não deixam em mãos alheias o grito de revolta dos que sofrem. Dor total ao ver que, após 36 anos de existência de Casas do Gaiato — que nasceram para

denunciar estas injustiças e não para as encobrir e cuja meta é acabar com elas — esta sociedade moderna, que com tantas palavras bonitas se cobre, qual coroa de defuntos ornada de ricas flores, cada vez exige mais Casas do Gaiato.

Acabemos com a farsa! Mais Casas do Gaiato não!! Basta as que há. Justiça às crianças sim!, revolucionando o que há e criando novos meios humanos e humanizados de ajuda às crianças e famílias. Sabemos o que dizemos. Assim nos quisessem ouvir todos os portugueses das bases às cúpulas.

Confiantes, aguardamos o diálogo que há 36 anos abrimos e até hoje tem sido olvidado.

Padre Abraão

O 1.º volume do «PÃO DOS POBRES» está na rua!

Cont. da TERCEIRA pág.

Os olhos pingam. Suspira, enquanto compõe a saia de roda. — O meu home faleceu há dois meses.

— Vive só?

— Sozinha, meu senhor; num quatinho lá na praça de... Ai a renda!...

Cinge as mãos no rosto, sufocada.

— V. tem cara de ser muito doente?!

— Muito, muito!

— O seu marido tinha Caixa? Já requereu a pensão de sobrevivência?

— Foi logo. Mas, inté agora, nada; nada!...

Sem nada de nada, e enquanto a Caixa vai e vem, tem de ir prá soleira da porta. Não há outro remédio!

— Quem a ajuda?

Volta a cingir as mãos na cara, ainda mais sufocada. Ergue a

cabeça. Os olhos pingam ainda mais! Confortámos...

— Há uma Casa que me dá consultas e *rumédios* de graça. Só isto. E já não é pouco!

Exactamente, a única instituição que lhe bota a mão graciosamente — só no capítulo saúde — é de inspiração cristã. Supre, neste capítulo, aquilo mesmo que a Previdência não faz, em casos assim. E deveria fazer! Se muitos Pobres não têm de comer e para um tecto, quanto mais para consultas e medicamentos.

— Ó mulher, V. passa muitas dificuldades!?

— Vou regressar à minha terra. Vou, sim senhor. Eu aqui não *aganto*. Inda lá tenho uma cunhada...

Imagens d'ontem, imagens d'hoje! Está na rua o «PAO DOS POBRES».

Júlio Mendes

PALAVRAS SIMPLES

Continuação da PRIMEIRA página

nós. Não se envaideçam, senhores governantes. A vossa missão é de serviço em ordem ao bem-comum. Oíçam as palavras de Pai Américo: «A primeira coisa que desqualifica um chefe é desejar sê-lo. A maior prova de não saber mandar é querer mandar».

Uma só coisa pedimos: que nos deixem trabalhar e ir fazendo qualquer coisinha pelo bem dos nossos Irmãos. Enquanto formos precisos permaneceremos no nosso posto, «pois, há um trabalho que não cansa; é o que se faz por amor de Deus» (Pai Américo). E, havendo tanto para fazer e realizar, que não se percam energias a desfazer ou a dificultar o que não sendo óptimo não deixa de ser útil. E, pobres de nós, que não sabemos nada de nada nem dispo-mo, de quaisquer carismas especiais, muito respeitamos quem faça mais e melhor, que a inveja não nos invade. E o *erário público* pouco ou nada será marcado pelos nossos serviços.

Vamos terminar e, se nos permitem, com palavras de Pai Américo: «Onde imperar a senhora Justiça, aí a perfeição dos actos. A Justiça é uma força renovante e permanente». Renovamos os nossos votos de felicidades e, com eles, vos recomendamos, entre outros, à laia de «cunha», os desamparados, crianças ou adultos; os doentes sem assistência; os desempregados; os homens sem abrigo; as viúvas sem proventos; os reformados com miseráveis recursos; enfim, todos os Portugueses, que sofrem a injustiça, o esquecimento ou os atropelos, recente, ou longínquos da sociedade a que pertencem.



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa